



## A TRADUÇÃO NA MEDIAÇÃO ENTRE FRONTEIRAS GEOGRÁFICAS, LINGUÍSTICAS E CULTURAIS

Clara Peron Guedes<sup>1</sup>

Isabella Mozzillo<sup>2</sup>

**Resumo:** As línguas seriam circunscritas a limites geográficos, sendo uma das formas de expressão da identidade de um país e dos indivíduos que nele residem. Nesse sentido, consta em várias Constituições Nacionais apenas uma como oficial de uma nação. Entretanto, as definições de espaço e fronteira são simbólicas e os idiomas cercados por esses limites não são cristalizados. Como afirma Calvet (2007), “todos sabem que hoje em dia não há necessariamente coincidência entre uma língua e as fronteiras de um estado”. Com a globalização, a transposição de linhas divisórias se torna cada vez mais fácil e, conseqüentemente, o contato entre línguas e culturas ocorre de forma constante. Dois sistemas linguísticos distintos entram em contato de diversas maneiras, seja na interação social entre estrangeiros e locais, seja em países nos quais é falado mais de um idioma ou dialeto, seja na relação histórica entre países vizinhos. O contato corre, ainda, por meio das transmissões televisivas, do ensino de línguas estrangeiras, e da tradução e interpretação. Assim, o texto traduzido permite a relação entre indivíduos e códigos linguísticos e culturais com o “outro”, o estrangeiro. O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações relativas à tradução como espaço privilegiado para o contato entre línguas e culturas, realizando a mediação entre fronteiras geográficas históricas.

### Introdução

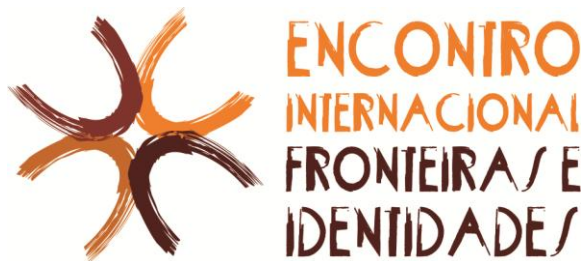
A língua de um povo é uma forma de expressão da identidade e da cultura de um país e dos indivíduos que nele residem. Nesse sentido, em diversos momentos da história, o idioma foi tomado como símbolo de uma nação e forma de soberania nacional, tornando-se um componente fundamental na organização das fronteiras geográficas, pois os governos buscam a unificação da população também por meio da homogeneidade linguística. No Brasil, há episódios que revelam a relação entre língua e poder.

No século XVIII, o Marquês de Pombal, em uma ação contra a língua de base tupi, proibiu, por meio do Diretório dos Índios (1958), manifestações linguísticas que não fossem em português. A preocupação com o abasileiramento da fala de imigrantes alemães, italianos e poloneses, por meio do assentamento de colônias mistas, a fim de forçar o uso da língua

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – Mestranda em Estudos da Linguagem. claraperonguedes@hotmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – Professora Associada II do Centro de Letras e Comunicação. isabellamozzillo@gmail.com.



portuguesa como idioma comum, é mais uma evidência da busca pelo monolinguismo nas terras brasileiras. O auge da política a favor da promoção do português como língua única e oficial do Brasil foi alcançado com a política de nacionalização do ensino, implementada em 1938 pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que levou ao fechamento de escolas e à proibição do uso de línguas de imigrantes (ALTENHOFEN, 2004, p. 84).

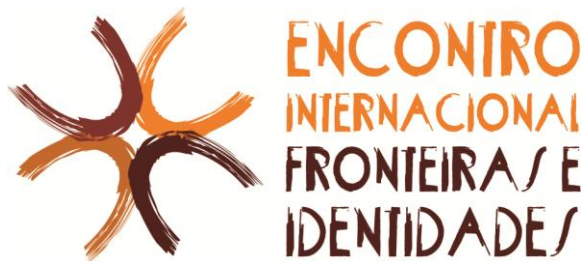
Em várias Constituições Nacionais, consta apenas um idioma como oficial, exceto em países como o Canadá, a Suíça e a Bélgica. Entretanto, as definições de espaço e fronteira são simbólicas e os idiomas cercados por esses limites não são cristalizados. Como afirma Calvet (2007, p. 81), “todos sabem que hoje em dia não há necessariamente coincidência entre uma língua e as fronteiras de um estado”. Com o advento da globalização, a transposição de linhas divisórias se torna cada vez mais fácil e, conseqüentemente, o contato entre línguas e culturas ocorre de forma constante.

Desse modo, as fronteiras culturais e linguísticas não correspondem mais aos limites geopolíticos, uma vez que a convivência de indivíduos, impulsionada por intercâmbios comerciais, tecnologias e meios de comunicação, extrapolam as linhas divisórias do mapa. A tradução também contribui para o apagamento dessas fronteiras imaginárias que poderiam delimitar as relações entre sujeitos e nações, mediando as diferenças entre as línguas e culturas fonte e meta e possibilitando o acesso a informações a respeito de povos distantes e com realidades diferentes. Assim, o texto traduzido permite a relação entre indivíduos e códigos linguísticos e culturais com o estrangeiro, de forma a levar à aproximação ou a estereótipos.

### **Contato de línguas**

Dois sistemas linguísticos distintos entram em contato de diversas maneiras, seja na interação social entre estrangeiros e locais, seja em países nos quais é falado mais de um idioma ou dialeto, seja na relação histórica entre países vizinhos. O contato corre, ainda, por meio das transmissões televisivas, do ensino de línguas estrangeiras e da tradução e interpretação.

Há muito mais línguas no mundo que países. De acordo com Calvet (2007, p. 69), são cerca de quatro a cinco mil idiomas existentes no planeta, com uma média de 30 por país. Na maioria deles, portanto, os indivíduos utilizam mais de uma língua, as quais convivem não



apenas dentro do território nacional, mas também na cabeça dos falantes, já que uma língua não existe em si mesma.

Gorovitz (2012, p. 75), destaca que:

se por um lado o fenômeno é configurado por fatores geográficos, a exemplo das situações de fronteiras transnacionais em que populações e línguas coabitam permanentemente, por outro, refere-se à crescente mobilidade dos sujeitos e dos grupos para além dos limites territoriais de seus países.

Portanto, podemos afirmar que a maioria dos indivíduos vive em ambientes bilíngues ou multilíngues. Como afirma Couto (2009, p. 49), “a regra é o bilinguismo ou o multilinguismo, em que duas ou mais línguas convivem em um mesmo território”.

De maneira geral, o bilinguismo pode ser definido, segundo Grosjean (2008), como o uso de duas ou mais línguas alternadamente, em uma das quatro habilidades linguísticas, por um mesmo sujeito. O conceito de bilinguismo, de acordo com o pesquisador, tem sido apresentado de forma inadequada, pois a maioria dos indivíduos pensa que este é um fenômeno raro, que acontece em países nos quais há duas línguas oficiais. Porém, “é difícil encontrar uma sociedade que seja genuinamente monolíngue. O bilinguismo não é apenas mundial, mas é um fenômeno que existe desde o começo da linguagem na história humana” (*id.*, 1982, p. 1)<sup>3,4</sup>.

Buscando entender e sistematizar as diversas formas de multilinguismo, Uriel Weinreich cunhou, em 1953, o termo “contato de línguas”. Em seu livro *Languages in Contact: Findings and Problems*, o pesquisador, a partir de diversos exemplos coletados *in loco*, apresenta definições para o bilinguismo, o sujeito bilíngue, o fenômeno de contato linguístico e a interferência decorrente deste. As diversas formas de interferências linguísticas lexical, gramatical e fonética são classificadas e exemplificadas em detalhe, com ênfase no indivíduo, nas escolhas e no uso que esse faz. Sob essa ótica, o contato de línguas caracteriza uma situação em que a presença de duas línguas afeta o comportamento linguístico do falante/ouvinte. Sua obra permitiu ao fenômeno do contato de línguas alcançar *status* de disciplina acadêmica e área de pesquisa.

---

<sup>3</sup> Todas as traduções de citações dos textos escritos originalmente em inglês são de nossa responsabilidade.

<sup>4</sup> Texto original: “it is difficult to find a society that is genuinely monolingual. Not only is bilingualism worldwide, it is a phenomenon that has existed since the beginning of language in human history”.



Conforme a definição de Weinreich (1970, p. 1), considera-se que duas línguas estão em contato quando são usadas de maneira alternada pelo mesmo indivíduo, caracterizando uma situação de bilinguismo e relação entre idiomas e culturas. Devido ao processo de globalização que vivemos de maneira acelerada e crescente, a troca entre sujeitos, sociedades e manifestações culturais vem aumentando. O deslocamento e/ou a migração é a base para que ocorra o contato entre idiomas, que se dá “na mente de indivíduos que entram em contato em determinado lugar”, já que “o que entra em contato diretamente não são línguas, mas povos” (COUTO, 2009, p. 50).

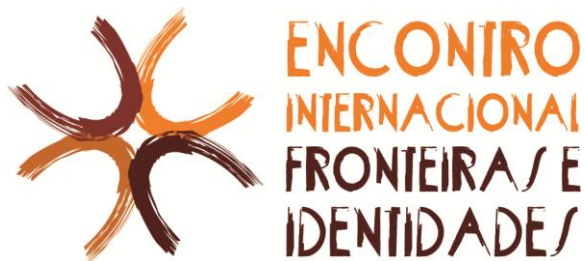
Couto (2009, p. 51-54) estabelece quatro tipos de contato gerados pelo deslocamento de indivíduos. O primeiro é caracterizado pela chegada de um povo a um território no qual já há uma comunidade linguística estruturada. Nesse caso, podem-se formar ilhas linguísticas, a fim de manter a língua do povo migrante, ou, ao contrário, pode haver o apagamento gradual do idioma nativo ao decorrer das gerações. Assim, aproximadamente na terceira geração, a língua materna do grupo imigrante poderá ter sido abandonada.

A segunda situação é representada por conquistadores que, geralmente, implantam sua língua e sua cultura na sociedade dominada, o que pode resultar na formação de línguas crioulas, *i. e.*, no surgimento de um novo sistema linguístico decorrente da mistura dos idiomas do colonizador e do colonizado.

O terceiro caso é definido como o deslocamento de dois povos com sistemas linguísticos distintos para o mesmo território, que não pertence a nenhum deles. Como consequência, surgem os pidgins, línguas utilizadas para comunicação e negócios, e os crioulos, considerados pidgins desenvolvidos.

A quarta condição ocorre quando há o deslocamento de falantes para regiões com línguas distintas de forma temporária ou sazonal. Inclui também as regiões fronteiriças, principalmente quando separadas por acidentes geográficos. Nessa situação, cada indivíduo fala sua própria língua.

Possíveis resultados do contato entre idiomas são as línguas duomistas, que possuem o vocabulário de uma língua e a gramática de outra; as línguas indigienizadas, que entram em determinado sistema linguístico de cima para baixo, por meio de sujeitos cultos, e fazem parte apenas desse círculo social; e as línguas reestruturadas, ou seja, aquelas que estão em um entre-lugar do crioulo e o não crioulo, chamadas de “semicrioulos” (HOLM, 2000 *apud*



COUTO, 2009, p. 56). Podem ocorrer, ainda, a regramaticalização, na qual se conserva parte do vocabulário original, porém usando-o no contexto de outra língua, e a relexificação, responsável pelo desenvolvimento da maioria das línguas duomistas e crioulos (COUTO, 2009, p. 55-56).

Já do ponto de vista individual, Couto (2009, p. 57) classifica fenômenos que decorrem da interferência entre duas ou mais línguas na produção do bilíngue. Entre eles podemos citar o *code-switching*, ou alternância de código, que se caracteriza pelo uso de elementos linguísticos de línguas distintas na mesma sentença, e a atrição, quando uma das línguas sofre grande influência da outra, de modo negativo, com tendência à obsolescência, ou desuso, o que pode desencadear a glototanásia, ou seja, a morte do idioma mais fraco.

Portanto, o contato ao longo do tempo muda as línguas envolvidas. De acordo com Siemund e Kintana (2008, p. 7), “qualquer que seja o tipo de material linguístico transferido em uma situação de contato de línguas, esse material, necessariamente, experimenta algum tipo de mudança através do contato”<sup>5</sup>. Quando dois idiomas entram em relação ocorre alguma interferência, por menor que seja, mudando de certa maneira as características fonológicas, lexicais, sintáticas e/ou semânticas dos sistemas linguísticos utilizados nas comunidades de fala envolvidas.

Nos últimos anos, as pesquisas desenvolvidas na área de Línguas em Contato estudam fenômenos linguísticos presentes em qualquer situação de contato, dentre eles políticas linguísticas (ALTENHOFEN, 2004), ensino de línguas (DAHLET, 2003), planejamento linguístico (CALVET, 2007), interferência linguística (MELLO, 2005; UCHÔA, 2008), línguas de prestígio e desprestígio (VIEIRA e MOURA, 2000), preconceito linguístico (OLIVEIRA, 2000), bilinguismo/multilinguismo (MELLO, 2001), alternância de códigos (GROSJEAN 1982, 2008; HAMERS e BLANC, 1990), identidade (ALFARO e FREIRE, 2012), e tradução (GOROVITZ, 2012).

### **Tradução e contato de línguas**

A tradução é uma atividade que vai para além da simples transposição de palavras de uma língua para outra. Ela envolve leitura, compreensão, reescrita e mediação cultural. Aubert

---

<sup>5</sup> Texto original: “whatever kind of material is transferred in a situation of language contact, this material necessarily experiences some sort of modification through contact”.



(1998, p. 99) destaca que a tradução, assim como qualquer outro ato de comunicação, ocorre entre indivíduos e grupos sociais, tendo lugar entre culturas, ideologias e concepções distintas de mundo, pois “se faz com textos e discursos”.

Quando a Linguística ampliou os estudos para além das estruturas sintáticas e começou a investigar os textos, “a distinção língua/linguagem tornou-se mais difusa” (AUBERT, 1998, p. 100). A partir de então, os estudos da linguagem passaram a constituir mais que a mera descrição de uma língua específica, e englobaram os discursos e as questões culturais, ideológicas e psicossociais das condições do discurso (*op. cit.*).

Essa tendência teve forte efeito sobre os estudos tradutológicos, já que, a princípio, os estudos literários eram a base para os Estudos da Tradução. Segundo Aubert (1998), embora a Linguística seja recém-chegada neste campo, ganhou forte posição institucional e se tornou uma segunda matriz, adquirindo “relevância de uma abordagem técnica, não em contraposição, mas em relação de complementaridade às abordagens mais textuais” (*idem*, 1998, p. 100-101).

Sobral (2003), ao descrever alguns postulados sobre a ação do tradutor no posfácio do livro *Conversas com Tradutores*, classifica este profissional como um linguista aplicado. Segundo o autor:

o tradutor convive diariamente com a tarefa de levar em conta, ao mesmo tempo, a interação discursiva concreta refletida no texto a ser traduzido; o contexto imediato em que se insere, a interação, a que esse texto remete; o nível do contexto social propriamente dito, incluindo a relação entre línguas e culturas, o público a que o texto pretende dirigir-se etc., e o horizonte social e histórico mais amplo [...] (SOBRAL, 2003, p. 214).

Nesse sentido, é possível afirmar que, apesar de pouco investigadas em conjunto, a Tradução e a Linguística Aplicada são áreas afins. Partindo desse pressuposto, podemos pensar a Tradução como relacionada à área de especialidade da Linguística Aplicada, Línguas em Contato, pois, como afirma Gorovitz (2012, p.76), é possível ver a atividade tradutória “como um tipo de contato linguístico, como um momento em que duas línguas se encontram em contato, seja ele apreendido como uma sobreposição, uma alternância, uma mistura, ou ainda uma ampliação”.





Quando dois sistemas linguísticos entram em contato tendem a interferir um no outro, seja de maneira positiva, seja de forma a prejudicar o resultado final, já que “a tradução integra na língua as marcas subjacentes da presença da outra língua com a qual está em contato” (GOROVITZ, 2012, p. 81). Desse modo, o tradutor pode ser considerado um mediador, tal como propõe Eco (2007, p. 226), ao declarar que “escolher a orientação para a fonte ou para o destino permanece um critério a ser negociado frase a frase”.

O contato entre os sistemas linguísticos do texto-fonte e do texto-meta, bem como todo o contexto e culturas envolvidos no processo de tradução, então, é evidente. Não é possível converter o texto de uma língua para outra sem que haja essa relação de troca semântica e lexical.

### **Tradução: mediação entre fronteiras geográficas, linguísticas e culturais**

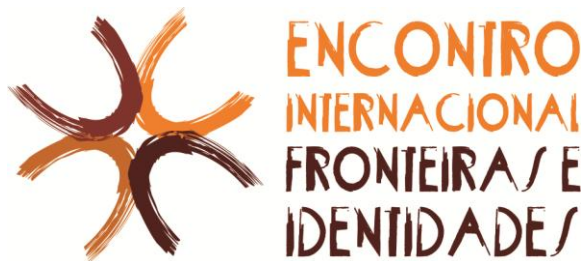
Muitos leigos acreditam que o tradutor, assim como um dicionário, tem o dever de saber o correspondente em outra língua de uma lista de palavras isoladas, por exemplo. Isso é ilusório, já que a tradução envolve todo o contexto de produção do texto-fonte, indo para além da mera transposição de palavras de um idioma para o outro.

Arrojo (1986, p. 12) afirma que “se pensarmos o processo de tradução como transporte de significados entre língua A e língua B, acreditamos ser o texto original um texto estável [...], cujo conteúdo podemos classificar completamente e objetivamente”. No entanto, nenhuma produção é isenta de interpretação.

Sob essa ótica, traduzir não é uma atividade restrita aos fenômenos linguísticos, mas engloba fatores pragmáticos, semânticos e culturais. Portanto, o tradutor pode ser pensado como um mediador que vive o dilema de evitar a imposição de uma língua e uma cultura sobre a outra. (SOBRAL, 2003).

Assim, Arrojo (2003, p. 78) destaca que:

qualquer tradução, por mais simples e despreziosa que seja, traz consigo as marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os objetivos e a perspectiva de seu realizador. [...] Nenhuma tradução será, portanto, “neutra” ou “literal”; será, sempre e inescapavelmente, uma leitura. O fato de ser sempre e inevitavelmente uma leitura ou interpretação não constitui, entretanto, uma característica peculiar da atividade do tradutor; revela, sim, um traço essencial de toda e qualquer atividade linguística e até mesmo de qualquer atividade humana.



A tradução, assim como o domínio da língua culta ou de um segundo idioma, está relacionada ao poder. Na história recente de nosso país, a possibilidade de transformar o conteúdo dos textos, enquadrando-os na agenda de seu tempo e a favor de certas ideologias, foi utilizada no período da censura e da ditadura militar, instaurada em 1964, quando a tradução era utilizada como instrumento de veiculação de posturas ideológicas.

De acordo com Oliveira (2006, p. 168), Monteiro Lobato, muito conhecido por suas obras de literatura infantil, também foi um grande ativista político e teve importante participação no cenário cultural brasileiro devido à sua atuação como tradutor e editor, sendo um expressivo difusor da tradução de livros de língua inglesa para a língua portuguesa. Segundo a pesquisadora, “as escolhas de Lobato da língua, dos autores e dos textos a traduzir foram movidas por objetivos que ultrapassavam o do gosto pessoal para chegarem àqueles de ordem política e ideológica” (*idem*, 2006, p. 170).

Rachel de Queiroz, outra importante autora da literatura brasileira, também utilizou o artifício da tradução de textos de língua inglesa para veicular suas concepções políticas. Entre 1963 a 1972, ela traduziu oito livros para três editoras diferentes, os quais contêm “não só o propósito de entretenimento como também o de exaltação da doutrina capitalista e/ou de contestação da doutrina comunista” (OLIVEIRA, 2006, p. 173).

Desse modo, a tradução exerce grande poder na veiculação de ideologias, na formação de identidades estrangeiras e na expansão do vocabulário, já que o texto estrangeiro, geralmente, é reescrito de forma a se enquadrar ao estilo, ao léxico e a temas que estão em voga em determinado período da literatura da língua e da cultura metas. Assim, como afirma Venuti (2002, p. 130), “ao criar estereótipos, a tradução pode vincular respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais específicos, gerando respeito pela diferença cultural ou aversão baseada no etnocentrismo, racismo ou patriotismo”.

Entretanto, segundo o autor supracitado, “se os efeitos de uma tradução revelam-se conservadores ou transgressores vai depender fundamentalmente das estratégias discursivas desenvolvidas pelo tradutor, mas também dos vários fatores envolvidos na sua recepção” (VENUTI, 2002, p. 131). Portanto, cabe ao tradutor mediar as diferenças entre as línguas e culturas, separadas por fronteiras geográficas históricas e cercadas de estereótipos e crenças.

Para tanto, é necessário que o profissional tenha conhecimento profundo dos idiomas do qual e para o qual traduz, entenda as diferenças culturais inseridas nas sociedades das línguas fonte





e meta, a fim de produzir textos compreensíveis e bem aceitos pelos leitores, e realize suas traduções com ética e responsabilidade, ciente de que seu trabalho pode criar estereótipos e conflitos, ou encurtar a distância geográfica, ampliar os fenômenos linguísticos da língua-meta, e expandir o conhecimento cultural e de mundo do leitor, proporcionando a mediação das fronteiras geográficas, linguísticas e culturais.

### **Considerações Finais**

A tradução é responsável por colocar dois sistemas linguísticos, dois códigos, duas culturas em relação. Desse contato podem decorrer processos que ampliem o conhecimento de mundo do leitor, seu vocabulário linguístico e sua experiência cultural. Afinal, a tradução é a apropriação do estrangeiro, da outra língua, da outra cultura. Mediar a tensão entre os dois idiomas e as duas culturas envolvidas na atividade tradutória é a grande responsabilidade do tradutor.

Essa negociação de sentidos deve ser feita com ética e responsabilidade, a fim de evitar a formação de estereótipos e a veiculação de ideologias que vão para além das ideias contidas no texto-meta. A mediação tradutória permite transpor fronteiras geográficas, linguísticas e culturais e revela a atividade de tradução como espaço privilegiado para o contato entre línguas e culturas, realizando o apagamento de fronteiras geográficas históricas.

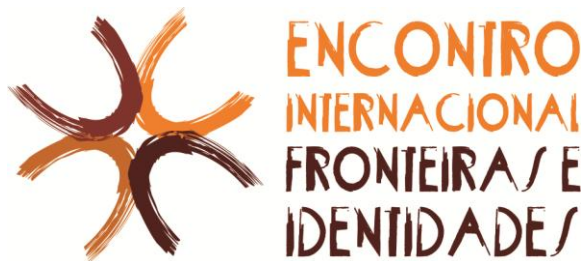
### **Referências**

ALFARO, C.; FREIRE, J. R. B. Bilinguismo, identidade e poesia. *Revista Abehache*, ano 2, n. 2, 2012, p. 65-88.

ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 3, n. 1, 2004, p. 83-93.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ARROJO, R. (Org.). *O Signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 2003.



AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultado. *Tradterm*, n. 5, v. 1, 1998, p. 99-128.

CALVET, J.-L. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.

COUTO, H. H. do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

DAHLET, P. Línguas distintas e linguagem mútua. In: PRADO, C. CUNHA, J. C. (orgs.). *Língua materna e língua estrangeira na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 33-54.

ECO, U. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Trad. AGUIAR, E. São Paulo: Record, 2007.

GOROVITZ, S. A tradução como contato de língua. *Revista Traduzires*, Brasília, v. 1, n. 2, 2012, p. 74-85.

GROSJEAN, F. *Life With Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. Trad. MELLO, H. A. B. de; REES, D. K. *Revista UFG*, Goiás, ano X, n. 5, 2008, p. 163-176.

HAMERS J. F.; BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. New York: Cambridge University Press, 1990.

MELLO, H. A. B. Perfil sociolinguístico de uma comunidade bilíngue da zona rural de Goiás. *Revista Linguagem e Ensino*, v. 4, n.2, 2001, p. 61-92.

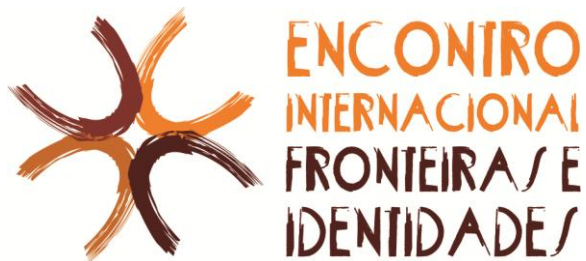
MELLO, H. A. B de. Examinando a relação L1-L2 na pedagogia de ensino de ESL. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, 2005, p. 161-184.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito linguístico. In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, M. (org.). *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. Florianópolis, SC: Insular, 2000.

OLIVEIRA, M. C. C. de. Entrelaçamento de tradução e história no contexto brasileiro. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, 2006, p. 167-177.

SIEMUND, P.; KINTANA, N. *Language Contact and Contact Language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2008.

SOBRAL, A. Posfácio. In: BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (org.). *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 201-214.



UCHÔA, L. M. V. A interferência da língua materna na competência comunicativa em francês língua estrangeira. In: MATTOS, M; THEOBALD, P. (orgs.). *Ensino de línguas: questões práticas e teóricas*. Fortaleza: UFC, 2008, p. 173-198.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. Trad. PELEGRIN, L., VILLELA, L. M., ESQUEDA, M. D., BIONDO, V. Bauru: EDUSC, 2002.

VIEIRA, J. R.; MOURA, H. M. de M. Língua estrangeira: direito ou privilégio? In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, M. (org.). *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. Florianópolis, SC: Insular, 2000, p. 113-127.

WEINREICH, U. *Languages in Contact: Findings and Problems*. 7ª. Ed. Den Haag: Mouton, 1970.